

NEIL MURRAY. *Writing essays in English language and linguistics. Principles, tips and strategies for undergraduates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.  
xi + 236 pp.

ISBN 978-0-521-12846-9 Paperback

## **Maria da Graça L. Castro Pinto**

[mgraca@letras.up.pt](mailto:mgraca@letras.up.pt)

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Neil Murray, Professor Associado de Linguística Aplicada da *University of South Australia*, certamente muito ao corrente das dificuldades que os estudantes universitários pouco familiarizados com a escrita de ensaios evidenciam quando são confrontados com a necessidade de os redigir, deu à estampa em 2012 um manual recheado de conselhos e de estratégias plenos de pertinência, que corporiza um projeto a todos os títulos louvável. *Writing essays in English language and linguistics. Principles, tips and strategies for undergraduates* só pode ser mesmo vivamente sugerido a todos os estudantes de graduação – e também de pós-graduação – quer de linguística e de língua inglesa, como se lê no título da obra, quer de outras áreas afins. Mais: a sua consulta deveria ser igualmente recomendada aos docentes que orientam trabalhos académicos nesses domínios do saber.

A despeito de ser um livro cujo conteúdo, à primeira vista, pode não parecer muito apelativo em virtude do cunho prescritivo que por força o caracteriza, a sua leitura é agradável e estimulante, em resultado sem dúvida da já significativa experiência como docente de Neil Murray. Além disso, emana um entusiasmo e uma dedicação do texto que este especialista nos presenteia que o convertem sem dúvida numa publicação que atrai o público a que se destina, uma população que ele conhece naturalmente bem e que sabe que com dificuldade consegue dissimular qualquer grau de pouco à-vontade quando lhe é proposta a escrita de um trabalho académico.

Atribuímos a designação de manual a esta obra de Neil Murray porque se trata uma publicação exemplarmente idealizada como um perfeito guia prático para quem pretender iniciar-se ou melhorar o seu desempenho no que diz respeito à escrita de trabalhos universitários. Nele são relatados com um rigor e uma minúcia invejáveis os passos que devem ser trilhados, numa vertente teórica e aplicada, na hora de escrever um ensaio ou de elaborar um projeto. Se os manuais nos facultam as instruções para sabermos como algo funciona, então *Writing essays in English language and linguistics. Principles, tips and strategies for undergraduates* patenteia, com a maior das clarezas, o que interessa reter quando está em causa o que se espera dos estudantes universitários em termos de escrita de ensaios.

Ilustra este livro modelarmente como Neil Murray domina, por um lado,

as técnicas da composição escrita, alertando para o emprego comedido de determinadas opções e para a não contenção de outros tantos recursos, e, por outro lado, a disposição dos conteúdos, acostumando o leitor para o que cada secção de um trabalho académico comporta dentro dos limiares estabelecidos por regra.

A aparência gráfica da obra confere, por seu turno, uma harmonia particular à relação entre a teoria e a prática. Para além dos muitos exemplos presentes ao longo da publicação, afluem igualmente, nos vários capítulos, rubricas, destacadas em forma de caixa ou sombreadas – nomeadamente o “Try it out!”, que surge após assuntos que o autor procura que sejam bem assimilados por meio de exercitação, e o “Key points checklist”, que encerra cada capítulo fornecendo os seus pontos-chave –, que visam verificar se os leitores/estudantes seguiram devidamente a matéria que foi explanada.

Antes de entrarmos na análise da obra propriamente dita, exemplificaríamos o que foi nossa intenção transmitir quando aludimos ao domínio por parte de Neil Murray das técnicas da composição escrita e da disposição dos conteúdos.

A propósito da composição escrita, é reservado um capítulo, o capítulo 4, à escrita como processo. Vemos nele assinaladas as etapas clássicas da escrita - pré-escrita, escrita e revisão -, mas acreditamos que, por razões de ordem pedagógica, é concedida uma atenção especial ao momento de preparação do trabalho (pp. 72-87), que corresponderia à pré-escrita: o estádio da descoberta no processo da escrita conforme aponta Rohman (1965: 106).

É verdade que, em conformidade com o que sustenta Sommers (1978), não se deve optar por modelos de escrita que se limitem a seguir as etapas supracitadas numa ordem fixa, porquanto a escrita deve ser vista como um movimento recursivo que recorre a esses estádios de modo flexível. Flower e Hayes (1981: 375), por exemplo, comentam, com muita pertinência, que “[a]lthough writers may spend more time in planning at the beginning of a composing session, planning is not a unitary stage, but a distinctive thinking process which writers use over and over during composing.” Por seu turno, no que concerne à revisão, Donald Murray (2013: 1) observa que “[r]evision is not the end of the writing process but the beginning” (2013: 1), o que nos faz remeter também a revisão para a preparação da escrita. Já em 1980, Sommers criticava um processo de escrita que, em virtude da sua estrutura linear – “first... then ... finally” – (Sommers 1980: 378), não conseguia reproduzir “the recursive shaping of thought by language” (p. 378), isto é, a revisão.

Estamos, no entanto, em crer que o espaço que Neil Murray dedica à fase preparatória da escrita mais não é do que um sinal da sua sensibilidade às dificuldades que os estudantes lhe confidenciam ou então da sua capacidade de delas se aperceber por observação continuada. Provavelmente será mesmo nessa fase da escrita que deve ser investido mais tempo quando os estudantes estão no início da sua carreira universitária. O capítulo 10, intitulado “Writing up small-scale research projects or dissertations”, parece dar força ao argumento aduzido se

considerarmos que o autor busca responder, com um saber invulgar, às seguintes perguntas: “ *I’ve never done a research project before so I just don’t know where to start. How big does it need to be? How original? Where do I get a good idea from? I haven’t got a clue.* ” (p. 159).

Ainda acerca do processo compositivo da escrita, este estudioso alerta para a importância de inculcar, com cautela, uma voz própria à escrita (p. 66), de redigir com concisão, ou seja, de forma breve e indo direto ao assunto (pp. 26 e 137), com objetividade (p. 66) tirando partido de uma linguagem que modalize a escrita, sem a tornar porém demasiado vaga e ambígua, a fim de evitar o uso de palavras demasiado “absolutas” (p. 60) (ver, a este propósito, pp. 60 e 64; no atinente à modalização, aconselha-se a leitura de Hyland 1998, Vihla 1999, Hyland 2000 e Guimarães 2009).

No que se reporta à disposição dos conteúdos pelas várias secções do ensaio, importa ressaltar o que Neil Murray acha que se espera: 1) de uma introdução, apelando para a necessidade de não ultrapassar a dimensão regulamentar relativamente à do trabalho na sua globalidade (capítulo 5); 2) do corpo do trabalho, tendo também em atenção a sua dimensão (capítulo 6); 3) das sínteses e das conclusões, distinguindo-os e atribuindo à conclusão um espaço adequado ao tamanho total do ensaio (capítulo 7); 4) das referências e das citações, cumprindo as normas prescritas e procurando conjugar harmoniosamente a voz própria com a voz das autoridades, das fontes, parafraseando-as ou retomando-as na íntegra (capítulo 8).

A obra *Writing essays in English language and linguistics. Principles, tips and strategies for undergraduates* é composta essencialmente por duas partes (“Part 1 – The Basics” (pp. 5-41) com dois capítulos e a “Part 2 – Getting down to writing” (pp. 43-197) com oito capítulos). A “Part 1” é precedida pela revelação dos conteúdos (“Contents”, pp. vii-x), pelos agradecimentos (“Acknowledgements”, p. xi), por uma breve introdução (“Introduction”, pp. 1-2) e por um guia de decifração dos ícones que ocorrem no texto (“A guide to the book’s icons: what do they mean?”, p. 3). Após a “Part 2”, surgem duas secções (“Frequently asked questions”, pp. 198-204, e “Linguistic glossary”, pp. 205-217) e as seguintes rubricas: “Task key”, pp. 218-227, “References”, pp. 228-231, e “Index”, pp. 232-236.

O primeiro capítulo da “Part 1”, intitulado “Writing at school and writing at the university: are they really different?” divide-se em dez secções e termina com uma caixa destinada à rubrica “Try it out!”, que comporta tarefas a serem realizadas, e com uma “checklist” que engloba os pontos-chave que o integram. De resto, estas duas rubricas figuram em todos os capítulos do livro. Trata-se assim um capítulo que consegue dar o tom à obra em causa, uma vez que é dirigida a estudantes que vêm do secundário e necessitam de estar ao corrente do que lhes vai ser exigido na universidade. Sublinharíamos, do seu conteúdo, o relevo que passam a ter uma leitura e uma escrita críticas, a capacidade de análise e de argumentação (ver, sobre a escrita académica como argumento, Irvin 2010), o recurso a provas que suportem os pontos de vista a serem defendidos, uma escrita exata e concisa e a

inevitável referência à bibliografia consultada. A diferença entre a escrita antes e após a entrada na universidade pode não ser abismal; todavia, convém que a reprodução ceda lugar à análise crítica da informação servindo-se da voz de quem escreve porque, de acordo com Neil Murray, os estudantes precisam de “find their own voice” (p. 9) (ver pp. 7-9).

O segundo capítulo da “Part 1” – “Fundamental principles” –, encontra-se dividido em seis secções (pp. 14-41). Visa aspetos mais formais da escrita e esclarece o que interessa saber para que se obtenha uma escrita que contenha todos os ingredientes que façam dela uma tradução inequívoca, fundamentada, rigorosa e correta do que se aspira transmitir. Se nele é atribuída uma maior extensão à secção reservada à pontuação (pp. 28-39), tal facto encontra, com certeza, explicação na necessidade que o autor sente em responder ao seu título: “Punctuation, how important is it...really?”

A “Part 2” começa no capítulo 3, que oferece cinco secções e tem por título “Analysing and answering the question” (pp. 45-71). Neste capítulo é realçada a importância de saber bem o significado e o alcance das perguntas formuladas nas várias tarefas com o objetivo de serem posteriormente devidamente respondidas. Depois de referir que a escrita pode envolver, em diferentes graus, várias formas: “definition, description, classification, cause and effect, comparison and contrast, and argument” (p. 50), Neil Murray parte para a descrição de cada um delas (pp. 50-69) e termina informando que uma forma de não fugir à perguntas colocada reside em selecionar com rigor as ideias e em desenvolver um plano que discipline o pensamento (pp. 69-70). Por último, na derradeira secção do capítulo, este especialista ressalta a necessidade de verificar se, para uma boa receção e classificação do ensaio, a escrita levada a cabo acatou os elementos “coverage, argumentation and evaluation” (p. 70).

O capítulo 4 – “The writing process” – (pp. 72-88), que se divide em quatro secções, contém instruções para a escrita de um ensaio que se estima que venha a ser bem avaliado. As três primeiras secções versam a fase preparatória da escrita (“Information-gathering: brainstorming, researching and selecting material”, pp. 72-81; “Note-taking”, pp. 81-83; “Planning”, pp. 84-87) e a última secção reporta-se à escrita e à revisão (“Drafting, checking and revising”, pp. 87-88). O forte peso dado à fase preparatória da escrita comparativamente às fases subsequentes, já anotado neste texto, contribuirá por certo para reforçar o que este investigador acha prioritário nesta abordagem à escrita académica programada para estudantes que estão a acabar de chegar à universidade. Tal atitude não denota contudo que esses mesmos estudantes não sejam alertados para o que de profundo representa a revisão no processo recursivo da escrita (ver, acerca deste assunto, Lanham (2006) e Donald Murray 2013).

Os capítulos 5, 6, 7 e 8, respetivamente “Writing an introduction” (pp. 89-99), “Writing the body of your essay” (pp. 100-107), “Writing summaries and conclusions” (pp. 108-116) e “Referencing and quotations” (pp. 117-135) contribuem para disciplinar a organização textual do trabalho e para que não

sejam omitidos passos que nele devem estar contidos no momento preciso e com as dimensões ajustadas.

O capítulo 9 – “Stylistic issues” – (pp. 136-158) alude ao *como* escrever no intento de ser encontrada uma resposta a intervenções do seguinte teor: “*I worry about how I’m expected to write at uni – you know, how formal I should be, whether there’s a special style and so on. I worry that my school haven’t prepared me.*”. Dos aspetos tratados nas dezoito secções em que está dividido, sinalizaria como porventura mais relevantes: os conselhos para que se atinja inteligibilidade e concisão na escrita (pp. 137-138); as estratégias para evitar o uso da primeira pessoa do singular (pp. 138-139); as instruções para não empregar uma linguagem vaga e vazia (pp. 141-142); a familiarização com uma linguagem que imprima um tom académico à escrita (pp. 142-143); as regras que devem ser respeitadas quando está em causa a formatação do trabalho a fim de que este possa ser considerado verdadeiramente profissional (pp. 145-146); exemplos de clichés que não devem ser usados (p. 146); uma “checklist” constituída por 28 itens que visa auxiliar os estudantes na tarefa de editoração dos trabalhos (pp. 156-158). O termo “editoração” neste contexto poderá ser lido, a nosso ver, de modo a incluir o que usualmente chamamos “revisão”. Na realidade, Neil Murray identifica na referida “checklist” cinco pontos – “Structure/Organisation”, “Contents”, “Sources”, “Style” e “Formatting” (pp. 156-158) – que apontam não só para o que vulgarmente poderíamos chamar editoração, mas também e sobretudo para o que entendemos por revisão. Talvez valha a pena citar a advertência que o autor faz relativamente à editoração e que se aproxima muito de uma possibilidade de encarar a revisão: “Remember: the more you edit your work, the better you’ll become at it.” (p. 156). (Ver, na senda da passagem transcrita, Donald Murray (2013:21) no que concerne ao processo recursivo da revisão que conduz à descoberta.)

Já foi feita menção neste texto ao capítulo 10 – “Writing up small-scale research projects or dissertations” – (pp. 159-197) visto que significa, para nós, o cerne deste manual em termos da lição que os estudantes dele devem retirar enquanto autores de dissertações ou de projetos de pesquisa. Ensinar a elaborar um projeto ou a redigir uma dissertação a quem não tem experiência não é de forma alguma uma empresa fácil. Ora Neil Murray consegue fazê-lo magistralmente tocando em todos os pontos que devem ser conhecidos por quem deseja realizar essas tarefas. Coloca-se inclusive no lugar do estudante quando principia a primeira secção deste capítulo com a seguinte pergunta: “What’s expected of me as an undergraduate student with no previous research experience?” (p. 159). Elucida então, de seguida, o que se deve entender por pesquisa: “By definition, research attempts to uncover new knowledge or a new way of thinking about existing knowledge.” (p. 161). A partir daí, propõe ideias para projetos de pesquisa (p. 162) e apela para os seguintes aspetos: 1) a escolha de um tópico atrativo e de um orientador que assegure uma boa relação académica; 2) a indicação de questões e hipóteses de pesquisa; 3) a necessidade de uma abordagem rigorosa apontando quatro tipos gerais (“philosophical inquiry, quantitative approaches, qualitative approaches and mixed-methods approaches” (p. 166)); 4) a conveniência de incutir

flexibilidade ao projeto; 5) a verificação da indispensabilidade ou não de aprovação ética; 6) a submissão atempada do projeto. Ademais, caracteriza as principais componentes de um projeto de pesquisa: título, sumário, agradecimentos, resumo, introdução – associada normalmente à metáfora do funil (ver p. 93 e ainda Libra 2001, p. 5 de 11 –, revisão da literatura, metodologia, resultados, discussão, conclusão, bibliografia – que, conforme já ficou explicitado no capítulo 8, deve ser constituída essencialmente por fontes primárias e só esporadicamente por fontes secundárias (pp. 127 e 135) e deve ainda corresponder às fontes usadas e referidas explicitamente no texto para que não se cometa algo que se aproxime do plágio (ver p. 118) –, anexos e, por fim, a apresentação e a submissão. Este capítulo comporta cinco caixas do tipo “Try it out!”, que, em nossa opinião, atestam como Neil Murray está efetivamente empenhado em verificar se o estudante está a acompanhar a exposição da matéria. Contém ainda variados exemplos e, na última secção respeitante à apresentação e submissão do trabalho, somos confrontados com uma “checklist” de pré-submissão a preceder a usual “checklist” de final de capítulo com os respetivos pontos-chave. Entre estas duas “checklists” e a rematar este capítulo basilar de *Writing essays in English language and linguistics. Principles, tips and strategies for undergraduates*, arquitetado para ambientar os estudantes que entram na universidade com a escrita de dissertações e de projetos de pesquisa à sua escala, o leitor encontra uma frase que, em virtude de traduzir um voto, gostaríamos de transcrever dado que também denota a faceta humana de Neil Murray: “The very best luck with your submission!” (p. 196).

“Frequently asked questions” (pp. 198-204) configura uma secção do livro que reforça o cunho pedagógico da obra fazendo sobressair o lado prático da mesma. Segue-se-lhe um “Linguistics glossary” (pp. 205-217), baseado em V. J. Cook (1997) *Inside Language* (Hodder Arnold) e V. J. Cook (2004) *The English Writing System* (Hodder Arnold), citados por Neil Murray (2012: 205), que é anexado a este livro para que o leitor possa consultar os vários termos da área da linguística por ele usados. Consoante sinala o autor, “The aim is to present quick glosses, not watertight definitions” (p. 205). Não podemos perder de vista que este manual – *Writing essays in English language and linguistics. Principles, tips and strategies for undergraduates* – convoca para o seu título a língua inglesa e a linguística, facto que justifica que a obra seja enriquecida com o mencionado glossário. Além do mais, ao longo desta publicação, ocorrem exemplos dessas duas áreas de estudo e consequentemente termos que podem necessitar de ser explanados para que a mensagem passe na íntegra.

Já perto do fecho da obra e a preceder tanto as “References” (pp. 228-231), em número condizente com o teor prático de uma publicação deste estilo, como o “Index” (pp. 232-236), de grande utilidade em virtude da qualidade da sua organização, deparamos com uma rubrica intitulada “Task key” (pp. 218-227), que remete para alguns dos “Try it out!” presentes em sete dos capítulos constantes deste livro e que equivale indiscutivelmente a mais um excelente momento de ensino-aprendizagem que nos é oferecido por Neil Murray neste manual. Esta última rubrica legítima, com muita visibilidade, o subtítulo de *Writing essays in*

*English language and linguistics. Principles, tips and strategies for undergraduates* (negrito nosso) concorrendo para lhe conferir uma elevada qualidade científico-pedagógica, na medida em que, dessa forma, os primeiros destinatários da obra – os estudantes – se sentirão mais próximos do autor. Não duvidamos que radique nessa aproximação, quando bem conseguida, um dos principais desígnios desta obra de Neil Murray: uma obra de leitura obrigatória para estudantes e docentes das áreas em foco ou afins.

---

Recebido em janeiro de 2013 ; aceite em fevereiro de 2014.

## Referências

- Flower, L. & Hayes, J. R. 1981. A Cognitive Process Theory of Writing. *College Composition and Communication*. 32(4) (Dec., 1981), 365-387.
- Guimarães, M. S. de A. 2009. *Escrita acadêmica e avaliação: o uso de reforços e atenuadores em artigos científicos publicados em inglês por pesquisadores brasileiros* [Academic writing and assessment: the use of boosters and hedges in scientific articles published in English by Brazilian researchers]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Tese para a obtenção do Título de Doutor em Linguística Aplicada, 2009. Retrieved from: [http://opus.grude.ufmg.br/opus/opusanexos.nsf/401ea73efc01934f83256c13006ab709/8d420fab0ff73376832579df0057a750/\\$FILE/MONICA\\_SOARES\\_DE\\_ARAUJO](http://opus.grude.ufmg.br/opus/opusanexos.nsf/401ea73efc01934f83256c13006ab709/8d420fab0ff73376832579df0057a750/$FILE/MONICA_SOARES_DE_ARAUJO), on 02-06-2012.
- Hyland, K. 1998. *Hedging in scientific research articles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Hyland, K. 2000. *Disciplinary discourses: social interaction in academic writing*. Harlow: Longman/Pearson Education.
- Irvin, L. L. 2010. What is “academic” writing? In: Charles Lowe; Pavel Zemliansky (eds.). *Writing spaces: readings on writing*. Vol.1. Anderson SC: Parlor Press, 3-17. Available from: <http://writingspaces.org/essays>.
- Lanham, R. A. 2006. *Revising prose*. Fifth edition. New York: Pearson Longman.
- Libra, J. A. 2001. *How to write a paper. Introduction to scientific work seminar, Module 6. International Study Course Environmental and Resource Management*. Brandenburg Technical University Cottbus, Germany. 11pp.
- Murray, D. M. 2013. *The craft of revision*. Fifth Anniversary Edition. Boston: Wadsworth. Cengage Learning.
- Murray, N. 2012. *Writing essays in English language and linguistics. Principles, tips and strategies for undergraduates*. Cambridge: Cambridge University Press. Obra em análise.
- Rohman, D. G. 1965. Pre-writing. The stage of discovery in the writing process.

- College Composition and Communication*. **16(2)** (May, 1965): 106-112.
- Sommers, N. 1978. Response to Sharon Crowley, "Components of the composing process". *College Composition and Communication*. **29(2)** (May, 1978): 209-211.
- Sommers, N. 1980. Revision strategies of student writers and experienced adult writers. *College Composition and Communication*. **31(4)** (Dec., 1980): 378-388.
- Vihla, M. 1999. *Medical writing. Modality in focus*. Amsterdam – Atlanta, GA: Editions Rodopi B.V.